

## **O LEVANTE DESCOLONIAL METALEIRO NA AMÉFRICA / ABYA YALA<sup>1</sup>**

*Autor:* Vinicius Pereira dos Santos - UFRRJ<sup>2</sup>

*Palavras Chave:* Colonialidade; Racismo; Heavy Metal.

### INTRODUÇÃO:

Procurarei demonstrar, através deste trabalho, que o estilo musical Heavy Metal, especialmente quando produzido e vivenciado na América Latina, constitui-se como fenômeno social relevante e, sendo tematizado pelas ciências sociais, muito pode contribuir para a nossa compreensão sobre os efeitos duradouros da colonialidade em nosso meio, bem como para a reflexão sobre formas de resistência aos seus nefastos efeitos.

Para isso, será apresentada uma discussão teórica sobre essa colonialidade e suas possibilidades de superação, para que seja possível caracterizar o contexto no qual o Heavy Metal aqui se reproduz, tece suas críticas e gera ações de resistência. E essa dinâmica se dá na “Améfrica”, termo criado por Gonzales (2020), que busca ressaltar e valorizar a importância do povo negro na formação social e cultural do nosso continente. Ao mesmo tempo, consideraremos esse espaço como Abya Yala, “Terra Viva”, termo ancestral do povo Kuna<sup>3</sup>, das regiões que hoje são Panamá e Colômbia, e que tem sido muito usado pelos movimentos indígenas sul-americanos.

Entendidos como heranças da experiência colonial, temas como racismo e sexismo farão parte dessa discussão. Ideias contidas nos textos de Segato (2012), Ramos (1995, sendo o texto escrito originalmente em 1955) e Gonzales (2020), ajudarão nessa tarefa, complementando com debates sobre raça e gênero a contribuição trazida por Quijano (1992) para a reflexão crítica sobre o ainda presente processo colonial.

A perspectiva descolonizadora da autora e ativista boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (PIZZARELLI, 2016), com a sua negação da síntese mestiça, também será levada em consideração.

E também, a partir de um texto de Varas-Díaz (2023), será visto um exemplo de como é possível e relevante inserir o fenômeno do Heavy Metal na discussão sobre

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

<sup>2</sup> O autor está no terceiro semestre do curso de Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

<sup>3</sup> Ver reportagem da National Geographic: “O que é Abya Yala, o nome dado ao continente americano?” Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/08/o-que-e-abya-yala-o-nome-dado-ao-continente-americano>>. Acesso em 15/01/2024.

resistência aos efeitos persistentes da colonialidade, posto que a comunidade metaleira, sempre presente, produz os “*diálogos descoloniais extremos*”, com potencial para se transmutarem em “*práticas descoloniais extremas*”, como veremos a seguir.

Ao longo do texto, procurar-se-á complementar os debates com reflexões sobre temas e fatos relacionados ao universo do Heavy Metal, além do relato de experiências pessoais, evidenciando como esse fenômeno, ocorrendo na América/Abya Yala, traz consigo os dilemas de um mundo ainda fortemente colonizado, oscilando entre um polo de mera emulação da música e da conduta do colonizador e um polo de apropriação criativa e autônoma, direcionada para a resistência e transformação descolonial.

Espera-se que, ao final, essa análise contribua para compreensão acerca das diferentes formas com que as populações de territórios herdeiros da colonização, criativamente, e mesmo a partir de elementos veiculados pelo colonizador, produzem meios de resistência e ação em busca de um outro mundo possível, livre e justo.

#### - A HERANÇA MALDITA:

Conforme nos lembra Quijano (1992, p. 11), primeiramente nas sociedades americanas, e depois na África e na Ásia (especialmente depois da Segunda Guerra Mundial), a colonização, em seu aspecto “político, formal e explícito”, acabou. Seus efeitos, entretanto, ainda são sentidos em nossas sociedades.

Alocados no mundo capitalista de maneira desvantajosa e desigual, regiões de passado colonial ainda lutam contra o subdesenvolvimento, além de carregarem a herança de fenômenos violentos e desagregadores, como racismo e sexismo. “Raças”, “etnias”, e mesmo “gêneros”, como sabemos, são classificações que foram construídas socialmente, especialmente em contextos coloniais, e não representam essências reais, biológicas, irredutíveis. No entanto, os problemas oriundos dessas sistematizações coloniais ainda são bem concretos:

...é impossível não ver que a vasta maioria dos explorados, dos dominados, dos discriminados, são exatamente os membros das “raças”, das “etnias”, ou das “nações” em que foram categorizadas as populações colonizadas, no processo de formação desse poder mundial, desde a conquista da América em diante. (QUIJANO, 1992, p. 12)

Frequentemente são publicados dados e pesquisas<sup>4</sup> que corroboram a afirmação supracitada, mas, como afirma o autor, é impossível não ver. Quase diariamente nos deparamos com notícias sobre violência, pobreza, racismo e afins, e o fenótipo dos que mais sofrem fica explícito.

Para além das consequências horrendas da desigualdade social e econômica que afeta de maneira mais intensa o(a)s descendentes das populações colonizadas, a América/Abya Yala ainda sofre com a desigualdade na valoração e reconhecimento dos seus saberes e das suas expressões artísticas e intelectuais. Séculos de colonização fizeram com que, no geral, as sociedades interiorizassem a percepção de que a cultura da Europa (e hoje podemos falar em “norte global”<sup>5</sup>) é, por excelência, o modelo universal. Historicamente, dentro das próprias colônias, assemelhar-se e absorver a cultura do colonizador, ou seja, “branquear-se”, era parte do caminho para a ascensão política e social, de forma que “a europeização cultural se converteu em uma aspiração” (QUIJANO, 1992, p. 13).

Gonzales (2020), ao ressaltar os pontos em comum entre as diversas populações negras que contribuíram para a formação sociocultural da nossa América, chama a atenção para essa infeliz hierarquização de saberes e práticas culturais, que relegou à condição de “exótico” e “folclórico” tudo aquilo que se diferenciava do desejável padrão branco europeu:

Similaridades ainda mais evidentes são constatáveis, se o nosso olhar se volta para as músicas, as danças, os sistemas de crenças etc. Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações eurocêntricas do tipo “Cultura Popular”, “Folclore Nacional” etc., que minimizam a importância da contribuição negra. (GONZALEZ, 2020, p. 70)

Fato este que, segundo Quijano, abateu-se também sobre os povos originários da Abya Yala, perpetrados pelos colonizadores:

Entre a repressão cultural e o genocídio massivo, levaram a que as altas culturas prévias da América fossem convertidas em subculturas

---

<sup>4</sup> Como exemplo, segundo o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em notícia publicada em novembro de 2020, com dados de 2019, entre as pessoas abaixo das linhas de pobreza, 70% eram de cor preta ou parda. Além disso, a população ocupada de cor ou raça branca ganhava em média 73,4% mais do que a preta ou parda. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29433-trabalho-renda-e-moradia-desigualdades-entre-brancos-e-pretos-ou-pardos-persistem-no-pais>>. Acesso em 16/01/2024.

<sup>5</sup> O termo “norte global”, utilizado, por exemplo, por Varas-Díaz (2023), compreende a Europa ocidental, com seu passado colonizador, e também outros países e blocos que hoje dominam o cenário econômico mundial. Estados Unidos, Canadá, e mesmo a Austrália, que nem se encontra no hemisfério norte, estão incluídos. Seu oposto seria o sul global.

campesinas iletradas, condenadas à oralidade. Isto é, despojadas de padrões próprios de expressão formalizada e objetivada, intelectual, plástica ou visual. Adiante, os sobreviventes não teriam outros modos de expressão intelectual ou plástica formalizada e objetivada, senão através dos padrões culturais dos dominantes, ainda que subvertendo-os em certos casos, para transmitir outras necessidades de expressão<sup>6</sup>. (QUIJANO, 1992, p. 13)

Cabe aqui o exemplo de uma vivência pessoal para ilustrar como essa hierarquização de saberes e práticas ainda opera em nosso meio. Entre 2002 e 2006<sup>7</sup>, tive a oportunidade de cursar uma graduação em música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como parte do currículo, cursávamos algumas disciplinas denominadas “História da Música” (que se subdividiam em História da Música I, II, II etc.). Nessas aulas, aprendíamos sobre a divisão temporal clássica da música de concerto europeia, ou seja: período barroco (Bach, Haendel...), período clássico (Mozart, Beethoven...), período romântico (Verdi, Liszt...) etc.

Em contrapartida, cursávamos uma disciplina chamada de “Folclore Musical”, e aí podíamos debater alguma coisa sobre música indígena e amefricana, por exemplo. Via-se em “Folclore Musical”, portanto, aquilo que não seria digno de fazer parte da “História da Música”!

Como parte da herança maldita da América/Abya Yala, há que se ressaltar, também, a permanência do racismo. Gonzalez (2020) lembra que, basicamente, duas estratégias foram aplicadas pelos colonizadores, como parte do processo de subjugação e inferiorização de populações baseados no racismo. Essas estratégias geraram o *racismo aberto* e o *racismo disfarçado*, ou *racismo por denegação*:

a) *Racismo aberto*: comumente verificável em regiões de colonização anglo-saxônica, germânica e holandesa. Aqui, o racismo se dá às claras. Basicamente, é negro quem carrega sangue de ancestrais negros. Não há espaço para a chamada miscigenação. A segregação, portanto, se dá de maneira mais objetiva (o regime do apartheid na África do Sul é um ótimo exemplo). Conseqüentemente, nessa situação, os não-brancos se

---

<sup>6</sup> Traduzido pelo autor, do original: “Entre la represión cultural y el genocidio masivo, llevaron a que las previas altas culturas de America fueran convertidas en subculturas campesinas iletradas, condenadas a la oralidad. Esto es, despojadas de patrones propios de expresión formalizada y objetivada, intelectual y plastica o visual. En adelante, los sobrevivientes no tendrían otros modos de expresión intelectual o plastica formalizada y objetivada, sino a través de los patrones culturales de los dominantes, aún si subvirtiéndonlos en ciertos casos, para trasmitir otras necesidades de expresión.

<sup>7</sup> Já se passaram muitos anos, de forma que o currículo dessas graduações pode ter mudado bastante.

identificam muito mais facilmente como tal, o que, historicamente, facilitou sua coesão de grupo, suas lutas e suas conquistas.

b) *Racismo disfarçado*, ou *racismo por denegação*: estratégia melhor identificada em regiões de colonização portuguesa e espanhola (caso típico da América Latina que, para Gonzalez, é mais africana e ameríndia do que latina). Aqui, as condições favoreceram o surgimento de teorias como miscigenação, assimilação e “democracia racial”. Essa estratégia, segundo a autora, é ainda mais eficaz para a alienação da população discriminada.

Segundo a autora, o racismo por denegação já teria sido gestado no processo da “Reconquista”, ocorrido entre os séculos VIII e XV, que culminou na extinção do domínio islâmico na península ibérica. Ali já foi criada uma sociedade hierarquizada, racialmente estratificada, estando judeus e mouros sujeitos a controle social e político, sem necessidade de formas abertas de segregação (GONZALEZ, 2020, pp. 72-73).

Assim, vivemos um tipo de racismo que dificulta a tomada de consciência por parte dos amefricanos que participaram da construção da nossa própria sociedade. Pobreza, desigualdade e exposição à violência não seriam problemas de cor, mas de falhas individuais, ausência de “mérito”, porque, afinal, somos todos igualmente cidadãos.

A herança segregacionista e hierarquizante no nosso continente também opera por motivos de gêneros. Segato (2012) explica que a concepção de gênero dos colonizadores, que parte de uma lógica “binária”, transformou hierarquias preexistentes na Abya Yala, onde operava uma lógica “dualista”. Basicamente, no contexto dualista pré-intrusão, ainda que coletivos<sup>8</sup> masculinos e coletivos femininos guardassem entre si algum tipo de hierarquia, um não anulava o outro, nenhum era considerado falho, inferior, ambos eram completos em si mesmos, e se complementavam. Na lógica binária trazida pelo colonialismo, o homem seria o sujeito pronto, perfeito, modelo universal de ser humano. Segundo a autora:

O gênero, assim regulado, constitui no mundo-aldeia uma dualidade hierárquica, na qual ambos os termos que a compõem, apesar de sua desigualdade, têm plenitude ontológica e política. No mundo da modernidade não há dualidade, há binarismo. Enquanto na dualidade a relação é de complementaridade, a relação binária é suplementar, um termo suplementa o outro, e não o complementa. Quando um desses termos se torna “universal”, quer dizer, de representatividade geral, o que era hierarquia se transforma em abismo, e o segundo termo se

---

<sup>8</sup> Segundo a autora, o fato de que questões de gêneros recaiam sobre coletividades, e não sobre indivíduos, faz toda a diferença para a compreensão do modo de ser e pensar ancestral.

converte em resto e resíduo: essa é a estrutura binária, diferente da dual. (SEGATO, 2012, p. 122)

Temos, então, uma sociedade que carrega as marcas da violência colonial, onde pessoas interiorizam a ideia de suposta superioridade intelectual, cultural e artística do mundo colonizador, e sofrem as mazelas econômicas e sociais que recaem intensamente sobre sua ancestralidade negra e indígena, mais ainda se são mulheres.

#### - EMULAÇÃO:

Lembro-me de quando estudava em um cursinho pré-vestibular, no ano de 2001, na cidade de Nova Iguaçu. O professor da área de letras era o fantástico e querido Sérgio Fonseca<sup>9</sup> que, além de professor, é letrista, compositor, poeta etc. Eis que, durante uma das aulas, eu e meu melhor amigo, também metaleiro, comentamos alguma coisa sobre o estilo que amávamos, o Heavy Metal. O professor Sérgio logo criticou, de maneira enérgica, dizendo que “ali só tem branco!”.

Na época, O Heavy Metal já era, para mim, mais do que um simples estilo musical. Como para muitos, passou a ser um estilo de vida, uma fonte para a construção da autonomia, além de um meio que possibilitava a expressão da crítica, do inconformismo, da revolta... mais do que música, um movimento revolucionário. Óbvio que não concebia o meu apreço por esse estilo com todas essas palavras, mas, de alguma forma, já o sentia. Por isso, se alguém criticava o estilo da forma como fez o professor, sentia-me atingido pessoalmente. Na época, a ideia do Heavy Metal abrigar algo como o racismo me aborreceu tanto que acabei escrevendo uma carta para o professor, explicando os motivos pelos quais ele estaria errado, e citando (como é de praxe) o caso da banda brasileira Sepultura, que conta com um vocalista negro.

No entanto, na mesma época, já estava montando com o meu melhor amigo a nossa própria banda. As letras eram em inglês. Todos os integrantes eram homens. A fonte de inspiração seria um livro que nós mesmos escreveríamos, sobre Anões, Elfos e Orcs se digladiando em um mundo de fantasia medieval, como em “O Senhor dos Anéis”.

---

<sup>9</sup> Dados sobre Sérgio Fonseca disponível em: <<https://dicionariompb.com.br/artista/sergio-fonseca/>>. Acesso em 18/01/2024.

Naquele tempo, eu quase sabia citar de cor, por exemplo, o panteão de deuses irlandeses da “Tuatha de Dannan”<sup>10</sup>.

Além disso, passei pela experiência de deixar o cabelo crescer, para ficar parecido com os meus ídolos. Afinal, agitar os cabelos no palco, enquanto se toca guitarra, é um dos maiores símbolos do estilo. De forma alguma o meu cabelo se assemelhava aos dos meus ídolos, e isso era fonte de muita frustração. Tentei certos procedimentos, como “relaxamento”, e de nada adiantava. Conseguia ostentar minhas camisas de bandas e calças pretas pelas ruas, mesmo sob o sol escaldante do Rio de Janeiro, mas não conseguia, então, soltar os cabelos ao vento.

Hoje, olhando para trás, compreendo melhor o que o professor Sérgio tentava mostrar. De fato, negros e negras ainda são exceções no Heavy Metal, especialmente quando olhamos para o *mainstream*, ou seja, o circuito de bandas que movimentam mais recursos financeiros e aparecem na mídia, especializada ou não, com maior frequência.

Também reconheço o quanto a ideologia do branqueamento, fenômeno da colonialidade que ainda nos atinge, operou sobre mim. Ainda que morasse ao lado de um terreiro de candomblé e da família do grande músico nordestino João do Vale<sup>11</sup>, só absorvia como referência as bandas de fora, com suas letras sobre guerreiros vikings, personagens típicos de “O Senhor dos Anéis” e afins.

Ainda que não percebesse, e que não fosse intencional, tentava me aproximar de uma estética e de um universo estético e artístico do mundo colonizador, cegando-me para os problemas do meu próprio mundo, que em grande parte são frutos da própria colonização.

Sobre essa interiorização de valores do mundo branco ocidental, Ramos (1995) lembra que:

Para que a minoria colonizadora mantivesse e consolidasse sua dominação sobre as populações de cor, teria de promover no meio brasileiro, por meio de uma inculcação dogmática, uma comunidade linguística, religiosa, de valores estéticos e de costumes. Só assim (...) poderia apoiar sua autoridade em sólidos pilares, o que sempre constitui, para todo poder, um valioso elemento de conservação, uma efetiva garantia de conservação. (RAMOS, 1995, pp. 174-175)

---

<sup>10</sup> Para informações básicas: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tuatha\\_D%C3%A9\\_Danann](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tuatha_D%C3%A9_Danann)>. Acesso em 14/01/2024.

<sup>11</sup> Cheguei a conhecê-lo, quando pequeno.

Nesse sentido, o mundo Heavy Metal se mostra com um ótimo laboratório de análise para a observação das permanências da colonialidade. Nesse estilo, a língua e os padrões estéticos do norte global foram impostos, ao longo das décadas, praticamente como modelo universal. E, infelizmente, o que Quijano (1992) dizia sobre a possibilidade de ascensão política e social por meio da emulação nas colônias, pode ser transportado para a possibilidade de visibilização de bandas no cenário nacional do Heavy Metal.

Um caso emblemático é o de uma das bandas brasileiras mais reconhecidas mundialmente, o Angra<sup>12</sup>. Essa é uma banda que já nasceu, por volta de 1991, com forte estrutura de apoio financeiro e de marketing. O empresário era, simplesmente, o proprietário de uma das revistas especializadas mais fortes da época, a Rock Brigade. Nesse tempo, a vertente do Heavy Metal conhecida como *Power Metal* estava em seu auge, tendo como representantes bandas como Helloween e Gamma Ray. O primeiro disco da banda, lançado em 1993, contava com participações especiais de músicos do próprio Gamma Ray. O falecido vocalista do Angra, André Mattos, já tinha algum reconhecimento fora do país por conta da banda Viper.

Chama a atenção, nesse caso, que no som e na aparência, o Angra era muito semelhante às bandas europeias. A dimensão empresarial da banda já estava fortemente presente desde o início, de forma que, ao que tudo indica, até a aparência dos membros foi levada em conta, o que é sintomático. Em um debate entre Rafael Bittencourt, guitarrista do Angra, e um polêmico “influencer” chamado Régis Tadeu<sup>13</sup>, que comparou o início da banda com grupos de “Boys Band” (como Backstreet Boys), Rafael Bittencourt não chega a negar que essa parte empresarial foi muito influente, apenas defende o ponto de que isso não tira o mérito do que os músicos fizeram, e não anula a relação profissional e de amizade que tiveram, para criar tudo aquilo<sup>14</sup>.

Enfim, o exemplo é emblemático, pois mostra que, para acontecer, uma banda teve que ser montada nos moldes europeus.

Algumas vezes, metaleiros brasileiros vão além da prática da “europeização” para fins de visibilização, e realmente demonstram sinais do que, já em 1955, Ramos (1995) chamava de “patologia social do ‘branco’ brasileiro”. Em sua obra, Ramos demonstra como a ideia colonialista de superioridade do homem branco levou brasileiros a temerem

---

<sup>12</sup> Site oficial da banda Angra: <<https://angra.net/>>. Acesso em 01/02/2024.

<sup>13</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Wq4Tc3rmO\\_Y](https://www.youtube.com/watch?v=Wq4Tc3rmO_Y)>. Acesso em 20/01/2024.

<sup>14</sup> Hoje em dia, entretanto, a atual formação da banda conta com Marcelo Barbosa, um guitarrista negro.

a identificação com a ancestralidade negra e a buscarem, de várias formas, aproximarem-se da branquitude europeia:

A afirmação dogmática da excelência da branca ou a degradação estética da cor negra era um dos suportes psicológicos da espoliação. Este mesmo fato, porém, passou a ser patológico em situações diversas, como as de hoje, em que o processo de miscigenação e de capilaridade social absorveu, na massa das pessoas pigmentadas, larga margem dos que podiam proclamar-se brancos outrora, e em que não há mais, entre nós, coincidência entre raça e classe. (RAMOS, 1995, p. 175)

No trecho supracitado, seria possível problematizar, talvez, a ideia de que classe e raça não mais coincidem. Mas o importante, aqui, é notar que, ainda hoje (e isso fica explícito no universo Heavy Metal) pessoas podem possuir, ao mesmo tempo, um sentimento profundo de inferioridade e um forte desejo de superioridade. Inferioridade em relação aos brancos do norte global, que procuram imitar, e desejo de superioridade em relação a grupos minoritários em seu próprio país.

Como exemplo, em 2019, forças policiais tentaram deter um festival de bandas neonazistas que aconteceria na cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul<sup>15</sup>. Também na região sul, em 2023, o vocalista de uma banda chamada “The Ordher” foi preso por associação a um grupo neonazista<sup>16</sup>.

Porém, essa mesma região sul, que parece estar se convertendo em lócus privilegiado para a proliferação de metaleiros neonazistas, também produziu um dos coletivos mais interessantes do universo Heavy Metal, que é o “Preto no Metal”<sup>17</sup>. Reunindo e divulgando informações sobre a presença negra no Heavy Metal, auxiliando bandas com protagonismo negro, realizando festivais de música e inserindo-se em debates políticos, posicionando-se contra as injustiças e preconceitos sociais, o coletivo sulista “Preto no Metal” é apenas um dos exemplos desse levante metaleiro descolonial na América/Abya Yala.

#### - RESISTÊNCIA:

Segato (2012), coloca em seu texto a seguinte questão:

---

<sup>15</sup> Ver matéria disponível em: < <https://www.brasildefators.com.br/2020/01/06/acao-de-policial-antifascista-faz-festival-nazista-em-canoas-rs-ser-cancelado>>. Acesso em 15/01/2024.

<sup>16</sup> Ver matéria disponível em: <<https://www.wikimetal.com.br/vocalista-death-metal-presno-grupo-neonazista/>>. Acesso em 15/01/2024.

<sup>17</sup> Para informações sobre o coletivo, recomenda-se a visita ao perfil na rede social Instagram: < @pretonometal\_coletivovivre >. Acesso em 18/01/2024.

A questão que nos convoca hoje a discorrer sobre as práticas descoloniais que fluem na contracorrente de um mundo totalizado pela ordem da colonialidade é tão ampla que outorga grande liberdade de resposta. Eu a reformulo desta maneira: onde estão sendo abertas as fissuras que avançam, hoje, desarticulando a colonialidade do poder, e como podemos falar delas? (SEGATO, 2012, p. 106)

Acredito que uma dessas fissuras está sendo aberta, justamente, no universo Heavy Metal, e que vale muito a pena explorá-la. Coletivos como o já citado “Preto no Metal”, o coletivo das “Metaleiras Negras”<sup>18</sup>, bandas como Black Pantera e Punho de Mahin (que possuem letras, estética e condutas ativamente antirracistas), bandas como Arandu Arakuaa e Myasthenia (que se posicionam pela causa indígena), festivais de bandas autorais como “O Rock é Preto”, no Rio de Janeiro (que já teve três edições), são todos exemplos de que o Heavy Metal, estilo que tem o potencial de conduzir as pessoas ainda mais fortemente para um culto ao ocidente colonizador, paradoxalmente, possui uma grande força revolucionária descolonial.

E é importante ressaltar que os exemplos supracitados são todos de bandas e coletivos brasileiros. Quando olhamos para toda a América/Abya Yala, percebemos que estamos diante de algo realmente grande e promissor. Isso é o que leva Varas-Díaz (2023)<sup>19</sup> a destacar que esse fenômeno, ou essa “fissura”, se nos remetermos a Segato (2012), merece ser cada vez mais estudado:

Ainda que exista um crescente número de pesquisadores do Heavy Metal trabalhando o tópico do colonialismo em seus trabalhos, o uso desse gênero musical como forma de ativismo social capaz de desafiar essa experiência ainda necessita de mais investigação. A América Latina, e a música metal lá gerada apresenta aos pesquisadores do metal e pensadores de outros campos valiosos exemplos de caminhos em que a música, e particularmente a música metal, pode servir como modelos de ativismo social contra os duradouros efeitos do colonialismo na região<sup>20</sup>. (VARAS-DÍAZ, 2023, s/p)

---

<sup>18</sup> Para informações sobre o coletivo, recomenda-se a visita ao perfil na rede social Instagram: <@metaleiras negras>. Acesso em 19/01/2024.

<sup>19</sup> Néelson Varas-Díaz, professor no Departamento de Estudos Globais e Socioculturais da Universidade Internacional da Flórida, é um dos mais renomados pesquisadores no campo do Heavy Metal, atualmente.

<sup>20</sup> Traduzido pelo autor, do original: “Although there is an emerging number of metal scholars addressing the topic of colonialism in their work, the use of this musical genre as a form of social activism capable of challenging this experience remains an important gap in need of exploration. Latin America and the metal music generated there present metal music researches and thinkers in other fields with invaluable examples of the ways in which music, and particularly metal music, can serve as modes of social activism in the region’s challenge against the long-lasting effects of colonialism”.

No mesmo texto onde se encontra a passagem supracitada, Varas-Díaz apresenta um trabalho etnográfico muito enriquecedor para o campo dos estudos sobre Heavy Metal: o autor passou um ano conversando à distância e duas semanas convivendo diretamente com os membros da banda equatoriana Curare<sup>21</sup>.

Nessa convivência, o autor foi capaz de testemunhar a luta descolonial metaleira através do que ele mesmo chama de “*diálogos descoloniais extremos*”. O termo foi cunhado a partir de três elementos presentes nesse fenômeno, que são:

- a) *Trocas de informações entre iguais*: a postura é dialógica porque as bandas não discursam “de cima para baixo”, como se detivessem um conhecimento especial a ser ensinado para quem não os possui.
- b) *Postura descolonial*: engajam-se em debates críticos e reflexivos sobre processos históricos de opressão enfrentados na região desde o século XV.
- c) *Estética radical, extrema*: a típica estética Heavy Metal, inserindo um clima de “obscuridade” em letras e imagens que tratam abertamente de temas como morte, dor e violência, costuma chocar a sociedade em geral. (VARAS-DÍAZ, 2023, s/p)

A banda Curare, ativa há mais de 20 anos, trabalha temas como proteção ambiental, exploração e violência contra povos indígenas e valorização da ancestralidade. Os membros da banda participam ativamente de coletivos que lutam por essas causas. Artisticamente, evocam a ancestralidade, por exemplo, através da utilização de instrumentos musicais típicos das populações indígenas, do uso de palavras em línguas ancestrais e das imagens em capas de discos.

O interessante aqui é que bandas como a Curare procuram evitar a utilização de elementos indígenas como meros componentes folclóricos e exóticos. Pelo contrário, a própria Curare é exemplo de banda, para o autor, que passa de um *diálogo descolonial extremo* para uma *prática descolonial extrema*. A seguinte passagem ilustra esse fato:

“Ir um passo além” foi a frase usada por Juan para descrever o objetivo da Curare com a música metal. Essas palavras parecem estratégicas, como convite para considerarmos o que a música metal pode fazer na América Latina e em outras partes do Sul Global, quando ultrapassa a mera crítica dos problemas sociais vistos na sociedade e decide engajá-los através de ações diretas. (VARAS-DÍAZ, 2023, s/p)

---

<sup>21</sup> Para informações sobre a banda, recomenda-se a visita ao perfil na rede social Instagram: <@banda\_curare>. Acesso em 19/01/2024.

No entanto, as práticas descoloniais crescentes no meio Heavy Metal, assim como em outros campos, sempre convivem com o risco da idealização de um passado perfeito, vivenciado por pessoas perfeitas, seja na Abya Yala ou na velha África, podendo dar a entender que a luta consiste em uma volta a esse passado. Quanto a isso, e se referindo à luta do povo negro, Gonzalez alerta para o seguinte:

... enquanto descendentes de africanos, a herança africana sempre foi a fonte revivificadora de nossas forças. Por tudo isso, enquanto amefricanos, temos nossas contribuições específicas para o mundo panafricano. Assumindo a nossa Amefricanidade, podemos ultrapassar uma visão idealizada, imaginária ou mitificada da África e, ao mesmo tempo, voltar o nosso olhar para a realidade em que vivem todos os amefricanos do continente. (GONZALEZ, 2020, p. 78)

Tal passagem é importante para o entendimento de que a população negra na América, protagonista de sua própria história e da construção da sociedade em que vivemos, apesar dos horrores vivenciados com o deslocamento forçado, está onde deve estar, em sua própria terra, e em posição de contribuir para um futuro descolonizado.

E ainda, pela perspectiva indígena, Silvia Rivera Cusicanqui<sup>22</sup> defende que o caminho para a descolonização não deve passar pela negação total do que não original da Abya Yala, e nem por nenhuma tentativa de explicação da “síntese” mestiça entre o colonizador e os povos originários, que quase sempre, aliás, pende para o lado do branqueamento.

Para a autora, é possível encontrarmos o potencial para luta justamente no reconhecimento de todos os aspectos da nossa formação:

Trata-se de um gesto que, por exemplo, leva-nos a reconhecer aquilo que temos de Europa, algo de que podemos tratar. Poderíamos enumerar muitas coisas, começando pelo castelhano (como língua materna ou adquirida), no entanto penso que a ideia de liberdade individual pode ser vinculada a algo dessa episteme que eu chamo “noratlântica”, porque sem dúvida surge no calor das lutas anarquistas, das lutas do mundo do trabalho. A ideia de direitos, a ideia de igualdade... eu diria que são ideias ligadas à “equivalência”, mais do que à igualdade. Não se trata de homogeneização, senão de equivalências, seria como dizer “a tua forma de pensar é equivalente à minha”; ainda que sejam muito distintas em sua episteme, em seus

---

<sup>22</sup> Sílvia Rivera Cusicanqui é socióloga, ensaísta, ex-docente da Universidad Mayor de San Andrés, em La Paz, na Bolívia, muito atuante em movimentos fundados por ela, como o *Coletivo Ch'ixi* (criado em 2008, que busca colocar em prática ações micropolíticas voltadas para o “bom governo” e o “bem viver”) e o *Taller de Historia Oral Andina* (oficina de história oral andina, criada na década de 80, onde se debatem temas como história, gênero, direitos e cultura dos povos indígenas da Bolívia).

conceitos etc., são equivalentes. São igualmente necessárias<sup>23</sup>. (PAZZARELLI, 2016, pp. 90-91)

Essa passagem vai ao encontro do que Cusicanqui chama de “*Ch'ixi*”, um conceito de difícil apreensão, mas que provoca os habitantes da Abya Yala a perceberem que são constituídos por elementos contraditórios, em tensão, oriundos da ancestralidade indígena e também do mundo colonial, e que é justamente no trânsito entre esses dois mundos, e na energia gerada pelo choque entre esses diferentes elementos que se encontram as possibilidades de superação da colonialidade. O *Ch'ixi* não deve ser entendido...

...como mediação, nem mesmo como conciliação de opostos. Não é síntese, nem hibridização, muito menos fusão. Estes opostos permanecem e, para mim, o gesto descolonizador consistiria em resgatá-los dos envoltórios capitalistas, consumistas e alienantes a que a história do capital os condenou. (...) Despojá-los e desnudá-los para descobrir na sua pureza e força uma energia de descolonização que permita abalar as estruturas do que foi herdado. (PAZZARELLI, 2016, p. 90)

Essas palavras de Cusicanqui me levam, por vezes, a refletir sobre a minha própria situação, e que, muito provavelmente, é a situação básica de todo(a)s o(a)s metaleiro(a)s dessas terras. Não há como negar que me constituí como metaleiro, primeiramente, a partir do amor por bandas como Iron Maiden (Inglaterra), Blind Guardian (Alemanha) e Metallica (Estados Unidos). O universo Heavy Metal de maior influência, produzido pelo norte global e majoritariamente por homens brancos, parece estar interiorizado de maneira definitiva em nossos corpos e mentes.

Talvez a resposta para esse dilema esteja no caminho de difícil apreensão apontado por Cusicanqui. Isso significaria não negarmos, não excluirmos, por exemplo, um Iron Maiden ou um Judas Priest, mas absorvermos a força que essas bandas nos trazem, tensionarmos com a força da nossa ancestralidade amefricana e indígena, e nos unirmos ao Curare, ao Preto no Metal, às Metaleiras Negras, ao Punho de Mahin, e a tantos outros coletivos e bandas, no sentido de transformarmos o Heavy Metal na força revolucionária que sempre teve potencial para ser, e ainda fazermos com que esse estilo

---

<sup>23</sup> Traduzido pelo autor, do original: “Se trata de un gesto que, por ejemplo, nos lleva a reconocer qué es lo que tenemos de Europa, algo de lo que podemos hacernos cargo. Podríamos enumerar muchas cosas, comenzando por el castellano (como lengua materna o adquirida), pero yo pienso que la idea de libertad individual puede vincularse con algo de esa episteme que yo llamo ‘noratlántica’ porque sin duda surge al calor de las luchas anarquistas, de las luchas del mundo del trabajo. La idea de derechos, la idea de igualdad... yo diría que son ideas ligadas a la ‘equivalencia’ más que a la igualdad. No se trata de homogeneización, sino de equivalencia, sería como decir ‘tu forma de conocer es equivalente a la mía’; aunque sean muy distintas en su episteme, en sus conceptos etc., son equivalentes. Son igualmente necesarias”.

não apenas esteja presente no mundo todo, como já está, mas que também represente todo mundo.

- CONCLUSÃO:

Como visto anteriormente, o fenômeno do estilo musical Heavy Metal na América/Abya Yala apresenta elementos suficientes para que possa (e deva!) ser contemplado no conjunto de estudos sobre as consequências do colonialismo em nosso meio, e sobre as lutas de caráter descolonial, antirracista, feminista e afins.

Ainda que a comunidade Heavy Metal represente uma espécie de nicho, a experiência de bandas, coletivos e metaleiro(a)s que promovem *diálogos/práticas descoloniais extremas*, como a banda Curare, mostra que a sociedade do entorno pode fortalecer muito a cena Heavy Metal, assim como essa cena pode contribuir definitivamente para as lutas da sociedade em geral.

Toda essa luta continuará se dando, também, internamente, pois, como foi visto, o mesmo estilo musical que se fortalece enquanto prática descolonizadora também abriga em seu seio bandas e indivíduos que expressam, através do som pesado, ideais retrógrados, extremistas à direita, mesmo neonazistas, tanto fora quanto dentro da América/Abya Yala.

Conclui-se, enfim, que apesar dos obstáculos e dificuldades, os estudos sobre o Heavy Metal, bem como a própria prática e vivência desse estilo, apresentam perspectivas promissoras para um futuro no qual a colonialidade terá sido superada.

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GONZALEZ, Lélia. “Por um feminismo afro-latino-americano”. In: **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização Flávia Rios, Márcia Lima. 1ª Edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PAZZARELLI, Francisco. **Esas papitas me están mirando! Silvia Rivera Cusicanqui y la textura Ch’ixi de los mundos** (entrevista com Silvia Rivera Cusicanqui). Revista Muiraquitã, UFAC, ISSN 2525-5924, v. 4, n. 2, 2016.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y modernidad/racionalidad**. Perú indígena, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

RAMOS, Guerreiro. Patologia social do “branco” brasileiro. In: **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995, p. 215-240.

SEGATO, Rita Laura. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial**. E-cadernos Ces, n. 18, 2012.

VARAS-DIAZ, Nelson. **Heavy Metal Music as Decolonial Activism: A Latin American Case Study**. Revista eletrônica Zaprunder, v. 7, (2023). Disponível em: <<https://zaprunderworld.org/volume-7/heavy-metal-music-as-decolonial-activism-a-latin-american-case-study/>>. Acesso em 16/01/2024.